

Mulheres brasileiras empresárias em Portugal: trajetórias e desafios.

GRACIOLI, Maria Madalena
VANNUCHI, Maria Lucia

A presente investigação foi realizada com mulheres brasileiras que possuem pequenas empresas em Portugal. Os relatos apontam que as motivações para deixar seu país de origem, na maioria vezes são de ordem subjetiva; mostram que as primeiras dificuldades que enfrentaram no país acolhedor foram o preconceito e a discriminação. Os depoimentos revelam que a vida enquanto mulher brasileira e empreendedora coloca desafios cotidianos que requerem determinação para perseguir seus objetivos, para enfrentar problemas próprios do trabalho na pequena empresa, para cumprir com as obrigações fiscais portuguesas, pela falta de capital de giro, pela crise econômica que afeta o país; algumas mesmo tendo sua empresa aprovada pelas Instituições portuguesas, não conseguiram regularizar sua situação de permanência, vivendo em situação de clandestinidade.

Palavras chave: migração; gênero; trabalho

1- A especificidade da imigração brasileira no contexto da imigração em Portugal

A migração internacional de mulheres vem nas últimas décadas ganhando visibilidade e despertando o interesse de pesquisadores, não apenas pelo crescimento do número de mulheres migrantes, mas também pelas dinâmicas e pelas novas configurações desse movimento.

Diversos estudos já foram realizados com o objetivo de conhecer as especificidades da imigração brasileira em Portugal; livros, artigos, teses de doutorado, dissertações de mestrado constituem uma vasta produção sobre os brasileiros em Portugal. De acordo com Malheiros (2007), a imigração brasileira em Portugal desdobra-se em duas fases distintas: a denominada primeira vaga ocorre em finais dos anos 1980 e início da década de 1990. Esse período incorpora uma elevada proporção de profissionais qualificados/as com elevado nível de instrução, pertencente às classes média e média alta, e que se inseriram em segmentos privilegiados do mercado de trabalho português.

Essa fase teve início na década de 1980, no momento em que Portugal acabava de ingressar na Comunidade Econômica Europeia – CEE, e necessitava de mão de obra qualificada para a nova fase da economia; nesse sentido, a imigração era necessária, principalmente nos setores mais carentes como marketing, publicidade, informática e alguns ramos da saúde. Foi amplamente noticiado o caso de dentistas brasileiros/as em terras lusas, vistos como incômodos concorrentes dos/as portugueses/as no mercado de trabalho, episódio que provocou profundo mal-estar na relação diplomática entre os governos português e brasileiro (GÓIS *et al.*, 2009). Segundo Peixoto; Figueiredo (2006), nesse período, outros fluxos de mão-de-obra qualificada também foram verificados, sobretudo de gestores/as para tarefas de controle ou técnicos/as em empresas brasileiras, e também arquitetos/as, engenheiros/as e economistas, com reconhecimento de suas competências.

A denominada “segunda vaga” de imigração brasileira, intensamente estudada (Casa do Brasil em Lisboa, 2004; MALHEIROS, 2007; GÓIS *et al.*, 2009), ocorreu a partir do final dos anos 1990, num panorama totalmente diferente. O novo perfil é composto por trabalhadores/as menos qualificados/as, de classe social mais baixa, não raro, em situação de permanência ilegal no país. Esta, caracteriza-se também pelo elevado número de imigrantes e pelo fato de “serem percebidos como pobres na sociedade de acolhimento” (PADILLA, 2006, p.19). Chegaram ao país para trabalhar como operários/as da construção civil, e empregados/as nas áreas de serviços, sobretudo no comércio. Essa segunda fase coincide com a melhoria das condições de vida, estudo e emprego dos/as portugueses/as

que passaram a rejeitar trabalhos menos qualificados, que foram relegados a imigrantes, dentre eles, aos/às brasileiros/as.

A expansão da economia informal vai reforçar esse fluxo, uma vez que tais atividades são desinteressantes para os/as cidadãos/ãs portugueses/as e atrativas para os/as imigrantes. Para os/as brasileiros/as, o domínio da língua e os estereótipos associados à simpatia e à alegria, características essenciais no contato com o público, permitiram conquistar espaço nos setores de serviços, principalmente comércio e restaurantes (MACHADO, 2003, 2006; PADILLA, 2006). Mas também, vale registro, o emprego doméstico absorve a mão de obra imigrante, sobretudo a feminina; é o setor que mais atrai mulheres trabalhadoras (PEIXOTO; FIGUEIREDO, 2006).

Vários estudos (Machado, 2003; Pontes 2004; Padilla 2007; Peixoto 2007) realizados sobre a imigração brasileira em Portugal apontam, igualmente, que a segmentação e a etnização adquirem características singulares para a mulher brasileira, cuja imagem é vinculada ao mercado do sexo e do erotismo, o que impacta negativamente a experiência migratória de muitas brasileiras, não só no mercado de trabalho, mas também na rotina cotidiana de ir às compras, de frequentar espaços públicos, de utilizar meios de transporte coletivos. Esses estudos apontam que a sexualização das feminilidades brasileiras decorre dos estereótipos que tipificam a mulher brasileira como possuidora de singular sensualidade. Assim, sua simpatia, alegria, aliada à tal sensualidade materializam-se como possível moeda de troca no mercado de trabalho.

Tal vinculação à prostituição afeta a totalidade das mulheres brasileiras, independentemente de idade ou cor da pele destas, porém, é notório que para as mais jovens este estigma é mais acentuado, pois elas são, na imaginação dos(as) portugueses(as) a encarnação da sensualidade, com seus “corpos bonitos”, “vozes suaves”, e “jeito doce”.

Esse estereótipo da sensualidade da mulher brasileira, construída pelos/as portugueses/as, será também determinante no crescente número de casamentos entre portugueses e brasileiras, estudado por Togni; Raposo (2009), que apontam que no ano 2000 foram realizados 271 casamentos, saltando para 2315 no ano de 2006, embora muitos sejam considerados fraudulentos ou por conveniência, apenas para a mulher conseguir direito de permanência no país; estes são mais difíceis de serem comprovados, como afirmam os autores.

Pesquisa denominada “Vagas Atlânticas: a imigração brasileira em Portugal”, cujos resultados parciais foram divulgados em outubro de 2009, no artigo intitulado: “Segunda ou terceira vaga? Observa, a partir de dados preliminares, a feminização como característica marcante da imigração brasileira recente em Portugal” (GÓIS *et al.*), mais exatamente, no período compreendido entre 2003 e 2009. Padilla (2007) afirma que no caso das brasileiras há uma crescente tendência de mulheres migrarem sozinhas ou no bojo de uma estratégia de migração familiar, não liderada pelo pai ou marido, sendo que, muitas vezes, mesmo acompanhando o marido, a decisão de migrar partiu delas. A autora aponta que existe em Portugal um alargado nicho laboral para imigrantes mulheres no setor de limpeza em domicílios e no cuidado de doentes e pessoas idosas; outro nicho é o setor de restaurantes e hotelaria, bem como o do comércio do sexo - *sex trade* - ou prostituição.

Atualmente os/as brasileiros/as constituem a população estrangeira mais numerosa em Portugal, de acordo com dados do Serviço de Estrangeiros de Fronteiras – SEF –, o número de brasileiros/as em Portugal em situação legal, ou seja, com título de residência ou com prorrogação de permanência de longa duração, era em 2009 de 116.220 pessoas, constituindo 25% da população estrangeira no país. Em dezembro de 2010 esse número saltou para 119.363 pessoas, perfazendo 26,81%. Em dezembro de 2012, apesar de ainda constituir a maior comunidade estrangeira, esse número cai para 105.622, passando a compor 25,3% da população estrangeira em território português.

O crescimento da comunidade brasileira em Portugal ocorreu até 2010; a partir de 2011 começou a declinar, como demonstra o quadro abaixo:

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
--	------	------	------	------	------	------	------	------	------	------

HM	26.508	28.730	31.500	68.013	66.354	106.961	116.220	119.363	111.295	105.622
H	13.021	13.696	14.602	33.189	31.824	31.834	52.061	52.478	47.518	44.127
M	13.487	15.034	16.898	34.824	34.520	34.520	64.159	66.885	63.927	61.495

Quadro 1 – Número de brasileiros em Portugal nos últimos dez anos por sexo.
Produção das pesquisadoras/Fonte de Dados (Estatísticas Anuais do SEF).

De acordo com os dados acima, é possível verificar que as mulheres constituem desde o ano de 2002 a maioria dos/as imigrantes brasileiros/as em Portugal. Em 2009, foram concedidos 51.916 títulos de residência e 145 prorrogações de vistos de longa duração, totalizando 52.061 para os homens e 64.159 para as mulheres; 63.966 títulos de residência e 193 prorrogações de vistos de longa duração.

Já em 2010 foram concedidos 52.401 títulos de residência e 77 prorrogações de longa duração, totalizando 52.478 para os homens, o que significa um aumento de 417 homens, 66.794 títulos de residência e 91 prorrogações de longa duração, totalizando 66.885 para as mulheres, o que corresponde a um aumento de 2.726 mulheres. Dos 3.143 brasileiros/as que entraram em Portugal em 2010, 2.726 são mulheres, ou seja, 86.73% do total. E ainda pode-se dizer que há na população contabilizada em dezembro de 2010, um número de 14.407 mulheres a mais do que o número de homens brasileiros vivendo em Portugal. Em 2012 esse número salta para 17.368, ou seja, é possível dizer que a migração de retorno tem sido maior para os homens do que para as mulheres que insistem na realização dos objetivos no país acolhedor.

Da síntese aqui apresentada, sobre as especificidades da imigração brasileira em Portugal, verifica-se que esta continua desempenhando importante papel no contexto da imigração estrangeira em Portugal. Se desta muito se sabe, ainda há muito por saber, constituindo-se, desse modo, como profícuo campo para novas investigações.

2- Mulheres brasileiras empreendedoras em Portugal

O processo migratório é pleno de esperanças e de memórias. Começa com a decisão de migrar, a escolha do país, da cidade, o planejamento da viagem, os preparativos da partida, a despedida da família e dos/as amigos/as, as malas que mais do que roupas e objetos levam sonhos e esperanças, a chegada à nova terra, as primeiras instalações, o contato com a nova sociedade. Essas são algumas etapas da trajetória dos(as) migrantes, descritas da saída à chegada a um novo lugar, onde estão depositadas expectativas de uma vida melhor.

Um/a imigrante não é meramente uma pessoa que deixou um país e se deslocou para outro; trata-se de uma pessoa à procura de um lugar onde possa (re)construir a vida e recomeçar a sua história. É nesse novo lugar que vai remodelar suas vivências e ressignificar a sua vida, ao ser inserido/a no novo ambiente social e cultural. Dessa forma, a imigração não pode ser identificada apenas como uma mudança de pessoas de um lugar para outro, mas também como o deslocamento de histórias de vida, de culturas e de símbolos que constroem identidades.

Esta investigação deparou-se com diversidade de percursos migratórios e projetos de migração, e uma multiplicidade de motivações. A maioria dos percursos corresponde a projetos individuais. Os percursos migratórios são muito diferentes e caracterizados por diversas motivações. ROCHA-TRINDADE define percurso migratório como:

O conjunto de passos, acções ou situações, dados ou experimentados por um individuo migrante, com relevância para o processo em que se encontra envolvido; o conceito tem uma natureza sequencial cronológica, mais do que propriamente espacial, e encontra interesse e aplicação sobretudo em situações de migração internacional. (1995, p. 37)

Desse modo, cada percurso é dotado de etapas que possuem especificidades de acordo com cada momento do processo.

As motivações relacionadas às migrações femininas diferem, em grande parte, das motivações masculinas ou das familiares. Não se trata aqui, de uma essencialização ou naturalização das diferenças entre os sexos, haja vista que pesa sobre estas um processo de socialização muito mais diferenciada do que quaisquer efetivas diferenças requereriam.

Sem negar as particularidades biopsíquicas individuais – que significaria resvalar para um essencialismo sociológico - as teorias de gênero revelam os meandros da construção das relações de gênero como formas específicas de relações sociais marcadas pela desigualdade. A categoria conceitual “gênero” traduz “a organização social da diferença sexual”. (SCOTT, 1998, p. 115)

Scott pontua que as pessoas nascem simplesmente do sexo feminino, do sexo masculino, mas a criação dos paradigmas de mulheres e homens, bem como dos atributos, das posturas que deles/as são socialmente requeridos, passa pela elaboração cultural de tais características. A autora ressalta o processo de construção das ideias acerca dos papéis, das funções, das posições de mulheres e homens no bojo de relações que são marcadas pelo poder, desvelando, assim, as origens sociais das identidades de seres de sexos diferentes.

O gênero torna-se antes, uma maneira de indicar construções culturais - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1995, p.75)

As migrações masculinas geralmente estão associadas a fatores de ordem econômica e/ou busca de segurança. Por sua vez, as mulheres também levam em consideração outros fatores, tais como a insatisfação com sua própria vida na sociedade de origem em função da ausência de oportunidades profissionais, fracasso no casamento, discriminações e violência.

Eu vim sozinha, e decidi migrar porque estava em uma situação de divórcio, de separação. Aí eu decidi deixar tudo para trás, enfrentar, conhecer coisas. Achei que deveria aprender mais, achava né? A diferença entre achar e aprender é muito diferente [...]. (Sandra, 42 anos, 6 anos em Portugal).

Neste caso, a separação conjugal aparece como mola propulsora do processo de busca de um novo lugar, com a aposta de novo projeto de vida. Mas, as palavras da imigrante não deixam de explicitar o choque entre projetos, expectativas e a realidade com que se depara. E prossegue:

[...] aprende sim, aprende a ser mau, ser bom, aprende a lidar com todos os tipos de pessoas. No Brasil também aprende isso, só que aqui com pessoas que não têm a mesma nacionalidade que a gente, esse tipo de gente. É uma escola, você migrar do seu país para outro, torna-se uma escola [...] Quando eu cheguei senti mais dificuldade nas pessoas, as pessoas são muito frias, ninguém te fala o que é a realidade aqui em Portugal, ninguém te fala, você tem que aprender sozinha, é como se você tivesse de devastar uma mata para construir o caminho sozinha, mas há pessoas boas também que te ajuda muito, e Deus põe as pessoas certas na hora certa. (Sandra, 42 anos, 6 anos em Portugal).

Outras vezes, a imigração é impulsionada por desencantos e decepções com parentes, amigos(as) ou sócios(as)

Minha trajetória começou quando eu resolvi exportar, porque eu tinha empresa no Brasil, tinha uma fábrica de moda praia e fitness, tinha duas lojas, e aí eu resolvi que era momento de exportar, e vim para cá com este intuito, só que quando eu cheguei aqui o país já não estava em boas condições, isso foi em 2006, porque a crise não começou agora, já vem de algum tempo atrás, então eu não consegui fazer nada, mas como sou um pouco teimosa, em 2006 eu passei 3 meses aqui. Em 2007 eu voltei e fiz um investimento maior e também não deu certo, só que em 2007 eu já passei um tempo maior aqui, e resolvi conhecer Portugal porque eu não consegui o que eu vim fazer, e como tinha pessoas tomando conta tomando conta da minha empresa no Brasil, então eu fiquei aqui 7 meses, quando eu voltei para o Brasil, a minha secretária amiga de infância e que estava tomando conta da minha empresa me roubou, e eu fiquei muito decepcionada, ela fez um grande furo na empresa e eu consegui dar a volta, mas só que eu fiquei muito triste, e resolvi vir embora de vez, e vim e começaram as tentativas de negócios em Portugal. (Vera, 40 anos, 5 anos em Portugal)

A nova realidade migratória é experiência que muito ensina: é escola de vida, na qual se aprende a duras penas; real processo de transformação.

[...]a minha história é a típica história de muita gente, de muitos imigrantes que estão aqui, que é mesmo procurar uma melhor qualidade de vida. Eu casei e [...] três meses depois do meu casamento eu vim para cá com meu marido e pronto; é aquela mesma situação que muitos procuram melhor oportunidade de vida. (Luciana, 24 anos, 6 anos em Portugal).

Não raro revelam que tal processo de transformação é eivado por nostalgia, pelo “banzo” da terra natal.

Hoje, se eu voltar para o meu país eu volto outra pessoa. Agente sai do país achando que vai encontrar aquilo que não tem lá, o Brasil é um país muito bom, tem tudo e a gente só aprende a dar valor nos mínimos detalhes depois que vem para cá, porque aqui tudo é mais difícil. Gente da própria raça da gente acha que o valor da moeda é maior do que o valor da amizade, do que o valor da sinceridade. Hoje eu posso levar não dinheiro, não coisas materiais, mas uma bagagem muito grande de experiência, e o que vale para mim é isso, entendeu? Experiência, que posso passar para outras pessoas que queiram migrar, porque assim ela vem sabendo tudo o que vai passar. (Sandra, 42 anos, 6 anos em Portugal).

Nas trilhas do paradoxo, entrelaçam-se a constatação do profundo individualismo existente - barreiras para o estabelecimento de novas redes de sociabilidades – e a generosa postura de compartilhamento da experiência vivida no intuito de poupar os/as que virão, os/as futuros/as migrantes.

Mudam as referências, passam a creditar maior valor aos sentimentos e às amizades, ao mesmo tempo em que experimentam a angústia do desenraizamento e a incômoda sensação de não pertencimento: “aqui a gente poderia comprar casa, carro, mas a minha vida não é aqui, minha vida não é aqui, não é aqui o meu lugar”. (Sandra, 42 anos, 6 anos em Portugal).

Se imigração causa o desenraizamento do indivíduo, esse processo certamente gera, no mínimo, insegurança pelo rompimento dos vínculos sociais e pela perda dos pontos de referência culturais e sociais, podendo levar, entre outros fatores, à dispersão de identidade. Essa perda de sentido de si é o que Hall (2006, p. 09) chama de “deslocamento ou descentração do sujeito”. Desse modo, a cultura do(s) grupo(s) ao(s) qual(is) se identificavam tornam-se características fundamentais no processo de manutenção e consolidação da memória que culmina, em última instância, na preservação de uma identidade. No entanto, considera-se que em contexto migratório há a possibilidade da (re)construção da identidade, resultado do encontro e negociação com a nova cultura, não significando apenas a assimilação da nova ou a perda total da velha.

No processo migratório, a identidade é permeada por contradições, uma vez que o mesmo indivíduo que deixou o seu lugar de origem, se decidir voltar para lá, não encontrará mais a mesma realidade que deixou. Assim, a origem passa a ser um lugar imaginário, impossível de ser resgatada, e, o novo lugar de destino ainda não o acolheu plenamente; a identidade, portanto, sofre uma fragmentação: “E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento de exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada” (HALL, 2003, p.393).

Ao deixar a sua terra, o migrante passa a “adotar posições de identificação deslocadas, múltiplas e hifenizadas” (HALL, 2003, p.72) ou como expressou Bourdieu ao prefaciar a obra “A imigração ou os paradoxos da alteridade”, de Abdelmalek Sayad:

Como Sócrates, o imigrante é *atopos*, sem lugar, deslocado, inclassificável. Aproximação essa que não está aqui para enobrecer, pela virtude da referência. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimente em pensá-lo – até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial – apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. (BOURDIEU, 1998, p.11 in: Sayad, 1998)

Numa relação dialética com a nova sociedade, o imigrante vai identificando e ao mesmo tempo se identificando. Nessa interação e sociabilidade, constrói imagens de si e do outro, cria vínculos e reúne pertencas sobre as quais aporta sua identidade, no sentido mostrado por Dubar (2006), da dupla fase das identidades: *identidade para si*, reivindicadas e marcadas por uma temporalidade, e *identidade para os outros*, atribuída pelos outros no interior do espaço social e num dado contexto histórico. Mas também exhibe tensões e, seja pela falta ou demasia de identificações, improvisa ajustes e mudanças, incorpora novas táticas e busca outras soluções para conseguir seus objetivos e obter reconhecimento.

Dentre os maiores problemas que revelam defrontar-se estão o preconceito e o assédio

[...] aqui o preconceito é muito grande, porque brasileira é puta, brasileira não presta, rouba o marido das portuguesas, mas isso não é uma verdade, não é verdade, é uma mentira muito grande. As casas de alterne estão aí e os homens vão com as próprias pernas deles, vai se quiser [...] e não são só as brasileiras que estão lá, tem portuguesas também, todas as raças, todas as raças estão sujeitas a fazer isso [...] eles confundem muito as coisas, acham que toda brasileira é puta, vai com qualquer um por qualquer trocado e não é assim [...] (Sandra, 42 anos, 6 anos em Portugal).

O assédio sexual imbrica-se a outras formas de assédio que potencializam a exploração da força de trabalho, chegando a uma espécie de trabalho quase escravo.

[...] já sofri sim (assédio), e por conta desta discriminação; na verdade não é discriminação, é mesmo, na minha maneira de ver, é mesmo assédio. Já tive situação de trabalhar num lugar, trabalhar o mês inteiro e não me pagarem, falarem isso, isso e isso, e querendo, mesmo sabendo que eu era casada, e sai sem receber nenhum centavo, e como eu ainda não era legal no país, eu ainda não tinha residência, e isso aconteceu mesmo foi logo quando eu cheguei, das pessoas virem falar para mim: olha! Eu não tenho dinheiro para te pagar e eu não vou te pagar, se for na polícia quem sai na pior é você, e a gente tinha certo receio porque sabia que era isso mesmo, mas pronto, essa foi uma situação que aconteceu, e eu já saí de uns quatro trabalhos por causa disso, mesmo por assédio, por eu não ter cedido e optado por sair do trabalho. (Luciana, 24 anos, 6 anos em Portugal)

A despeito da violência e ameaça retratadas na transcrição acima, uma das entrevistadas, ao mesmo tempo em que denuncia ter sofrido preconceito e assédio, termina por legitimar tais práticas.

[...] aqui nós brasileiras somos muito mal vistas em muitos lugares, também não tiro de todo a razão, eles têm muitas razões, porque muitas brasileiras não se dão ao respeito [...]. (Luciana, 24 anos, 6 anos em Portugal)

As estruturas objetivas subjetivam-se sob a forma de esquemas cognitivos, de sistemas de percepções, que formatam as identidades de gênero. A violência simbólica concretiza-se na auto depreciação que a imigrante revela.

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizante. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros. (BOURDIEU, 1999, p. 19)

Bourdieu acrescenta que:

[...] a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. (BOURDIEU, 1999, p.18)

As estruturas sociais – *habitudines* - subjetivam-se em *habitus* - disposições adquiridas, gostos, estilos, princípios de distinção e classificação. Ou seja: *habitus*, enquanto estruturas incorporadas, constituem uma ponte entre as *habitudines* que os produzem e reproduzem e as ações humanas que

neles se enraízam. Ocorre uma subjetivação da objetividade e uma objetivação, através de ações sociais, dessa internalização socialmente produzida. Assim, as condições objetivas e subjetivas interagem incessantemente na construção das identidades dos sujeitos sociais. Ou seja: estamos diante de esquemas de dominação e subordinação que, gerados em instâncias objetivas, reproduzem-se através da subjetivação. A própria mulher internaliza princípios androcêntricos, introjeta o paradigma de relações hierarquizadas, desiguais e de opressão, objetivamente construídas; há todo um sistema de estruturas inscritas nas coisas e nos corpos, que se legitima pela subjetivação.

Considerações finais

Esse estudo acerca de mulheres brasileiras que ousaram enfrentar as barreiras do preconceito e da discriminação e tornaram-se empreendedoras em terras lusas, deparou-se com muitas histórias, muitas lembranças. São mulheres que carregam uma identidade espelhada num jeito de ser e viver que vem da cultura brasileira, criam e recriam sonhos para o presente e para o futuro, reconstroem a identidade em função do contexto social em que estão inseridas.

Houve durante todo o processo de realização da pesquisa uma preocupação em focar suas vivências reais, suas trajetórias, dificuldades e os sonhos, de forma que a construção dessa imagem não fosse romanceada nem ironizada, mas focada nas multifacetadas que essa categoria social na condição de imigrante projeta, algumas vezes reveladas sob sombras e descrenças e, em outras, sob luzes e esperança.

Ressalta-se que as mulheres entrevistadas não foram vistas apenas como frias fontes de dados; valemo-nos também de sensibilidade para conhecer aspectos materiais e subjetivos de seu cotidiano, para compreender suas histórias de vida, seus projetos atuais e futuros, suas lembranças - boas e ruins - sentimentos de pertença e identidades culturais e afetivas.

Por fim, cabe ressaltar que devido ao espaço aqui disponível não foi possível apresentar todas as nuances e as categorias analíticas que a investigação suscitou. Há necessidade de outros estudos a serem realizados com mulheres brasileiras empreendedoras em Portugal, em outros contextos e lugares, pois somente uma abordagem pluridisciplinar e multidimensional poderá dar conta dos polissêmicos aspectos da problemática colocada em questão.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *In*: SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou Os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: A interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2006.

GÓIS, Pedro; MARQUES, José Carlos; PADILHA, Beatriz, PADILHA, João. **Segunda ou terceira vaga?** As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Migrações*. Out. 2009. Disponível em: http://www.oj.acidi.gov.pt/docs/Revista_5/Migr5_Sec1_Art6.pdf. Acesso: 10/07/2013

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MACHADO, Igor José de Renó, **Cárcere Público**: Processos de Exotização do Imigrante Brasileiro em Portugal, tese de doutoramento em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

_____. (Org.) **Um mar de identidades**: a imigração brasileira em Portugal. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.

MALHEIROS, Jorge M. (Org.) **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007.

PADILLA, Beatriz. Integração dos “Imigrantes brasileiros recém-chegados” na sociedade portuguesa: problemas e possibilidades. In: MACHADO, Igor José de Renó. (Org.) **Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal**. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.

_____. A imigração brasileira em Portugal: considerando o género em análise. In: MALHEIROS, Jorge. (Org.) **Imigração Brasileira em Portugal**, Lisboa: ACIDI, 2007.

PEIXOTO, João. Tráfico, contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal, Sociologia, **Problemas e Práticas**, n.º 53, p.71-90, 2007.

_____; FIGUEIREDO, Alexandra. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In: MACHADO, Igor José de Renó. (Org.) **Um mar de identidades: a imigração brasileira em Portugal**. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.

PONTES, Luciana. **Corpos deslocados: vulnerabilidade e processos de exotização das mulheres imigrantes brasileiras em Lisboa**. Portugal. Dissertação de mestrado em Antropologia do Espaço, Universidade Nova de Lisboa, 2005.

_____. Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. **Cadernos Pagu**, 23, jul/dez 2004, p. 229-256.

Rocha-Trindade, M. B. **Sociologia das Migrações**. Lisboa, Universidade Aberta, 1995.

SCOTT, J. W. Entrevista. **Estudos feministas**. Florianópolis, n. 1/1998, p.115.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul./dez. 1995, p. 75.

SERVIÇO DE ESTRANGEIROS E FRONTEIRAS. **Relatório de imigração, fronteiras e asilo. De 2002 a 2013**. Disponível em: <http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/page.aspx>

TOGNI, Paula C., e RAPOSO, Paulo. **Os fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portugueses: género e imigração**. (Estudos OI), Lisboa: ACIDI, 2009.